

## IN MEMORIA : B.F. SKINNER

### "Floresce uma nova ciência?"\*

Mariza Monteiro Borges\*\*  
*Universidade de Brasília*

Agosto, 1990, morre B. F. Skinner aos 86 anos de idade e sessenta e dois dedicados à Psicologia. Neste momento, em que desaparece o homem que foi considerado o maior dos psicólogos deste século, falar deste homem é uma imposição circunstancial. A morte marca a ocasião para se falar da vida, da obra deixada, da contribuição dada, da perda sofrida. A grandiosidade da obra de Skinner e os efeitos por ela produzidos no pensamento psicológico deste século certamente não desaparecerão junto com o seu autor. Skinner, o pai da análise experimental do comportamento, provocou uma grande revolução na Psicologia. Sua proposta metodológica tem se mostrado eficiente e produzido um grande corpo de conhecimento. Hoje já se fala em uma Psicologia Skinneriana, uma teoria baseada na noção de que o comportamento é afetado pelas suas conseqüências. Embora seu nome e sua Psicologia sejam frequentemente associadas a ratos e pombos, seus sujeitos experimentais, sua obra não se restringe aos estudos experimentais. Estes deram-lhe as evidências empíricas necessárias para compor um corpo de conhecimento teórico. Mas Skinner foi além, foi um pensador que, ao contrário da maioria dos acadêmicos deste século, escreveu e tornou-se conhecido fora do restrito círculo de psicólogos. Foi lido, criticado, amado e odiado além das fronteiras da Psicologia.

Escrevendo e posicionando-se sobre os mais diversos aspectos da vida, exercitando ao extremo a criatividade, ele explorou, em grande amplitude, as implicações de uma análise experimental do comportamento. Escreveu sobre governo, religião, psicoterapia, educação, linguagem, arte e literatura. Envelhecendo, escreveu sua auto-biografia em três volumes. Dois deles, *The Shaping of a Behaviorist* (New York: Knopf, 1979) e *A Matter of Consequences* (New York: Knopf, 1983), contêm informações e discussões importantíssimas para a compreensão da trajetória da psicologia neste século. Envelhecendo, preocupou-se com a velhice e com o uso do conhecimento que havia produzido e escreveu, em linguagem coloquial e sem preocupação

---

\* Nota da autora: Este artigo é uma homenagem póstuma a B. F. Skinner. A não citação de grande parte da obra de Skinner, neste artigo, justifica-se pelo fato de não ter sido meu objetivo apresentar uma revisão da mesma.

\*\* Endereço: Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - Instituto de Psicologia - UnB, 70910, Brasília, DF.

acadêmica o *Viva Bem a Velhice - Aprendendo a Programar a sua Vida* (São Paulo: Summus, 1985).

Foi ousado o suficiente para afirmar que a modificação de comportamento era "a tecnologia necessária para promover o controle do povo, pelo povo e para o povo e assim reduzir o poder centralizador do governo e da economia" (*Reflections on Behaviorism and Society*, Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1978). Assumiu que o comportamento humano está sujeito a leis, buscou identificar relações causais entre comportamento e ambiente. Escreveu o *Mito da Liberdade* (São Paulo: Summus, 1983), numa época em que as filosofias da liberdade dominavam o pensamento mundial. Reagiu aos seus opositores que identificavam o humanismo com o existencialismo. Acreditou que os objetivos do humanismo poderiam ser eficientemente alcançados quando o homem, através da ciência, tivesse identificado o papel do ambiente, particularmente do ambiente social, sobre o comportamento. (*Reflections on Behaviorism and Society*, supra citado). Se empenhou muito para fazer da Psicologia essa ciência mas não deixou de considerar a possibilidade de que as contribuições da análise do comportamento florescessem como uma ciência independente. Seu último artigo, submetido ao *American Psychologist* na véspera de sua morte, deve trazer considerações nesse sentido, o que certamente será mais uma fonte de controvérsia.

Ao tratar de educação, a área de aplicação para a qual deu a mais significativa contribuição, defendeu a educação para todos com garantia de resultados satisfatórios para cada um. Condenou o uso da punição e propôs alternativas que deveriam substituí-la eficientemente. (*A Tecnologia do Ensino*, São Paulo: Herder, 1972).

Foi um intelectual que gerou polêmica, que produziu muito e criticou seus próprios colegas, analistas do comportamento. Em *About Behaviorism* (New York: Vintage, 1976), Skinner afirmou que a análise do comportamento é pouco conhecida fora do campo específico, e emendou: seus investigadores mais ativos, e há centenas deles, jamais fizeram qualquer esforço para explicarem-se aos não especialistas.

Com a morte de Skinner a análise do comportamento perde o seu maior cientista e perde também o intelectual não-acadêmico, que na linguagem de Russell Jacoby (*Os Últimos Intelectuais*, São Paulo: EDUSP, 1990) é aquele que tem necessidade e capacidade de escrever de modo compreensível a um público leigo.

A noção skinneriana de que comportamentos selecionados por suas consequências sobrevivem, nos conduz a afirmar, citando Catania (*JEAB*, 1988, 49, 4), que seu maior legado à análise do comportamento é "aquela parte do seu comportamento que sobrevive e se multiplica no trabalho dos que foram e são estudiosos de sua pesquisa e de sua obra".

Nota do Editor Este ensaio está sendo incluído neste número da revista (6, 1, janeiro-maio) que estava sendo composto por ocasião do falecimento de Skinner.